



frias em seus próprios territórios. Os xucurus eram considerados extintos até o início do século XX. A partir de então, começou quase um século de lutas pelo reconhecimento étnico e a garantia das terras. A homologação dos 27.555 hectares de terras pertencentes ao povo xucuru só ocorreu, definitivamente, em maio de 2001.

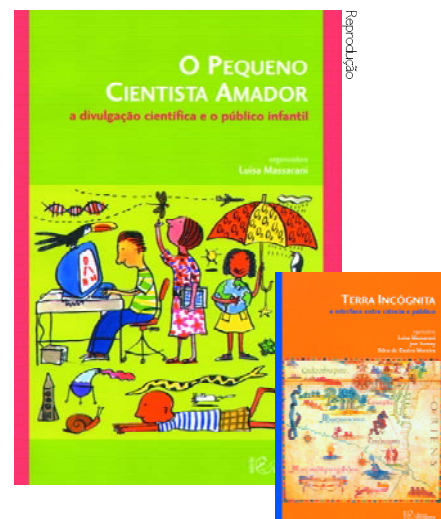
No final dos anos 1980, os xucurus ocupavam menos de 10% do seu território. Após um violento processo de demarcação das terras, cerca de 70% do território foi resgatado pelo povo xucuru, que possui hoje uma população de aproximadamente nove mil indígenas, distribuídos em 24 aldeias.

Foi um processo de recuperação das terras bastante conturbado, lembra o cacique, com assassinatos e perseguições permanentes nos últimos anos. Entre essas mortes está a do cacique Chicão, pai de Marcos, assassinado em 1998, durante sua luta pela demarcação das terras. O cacique Chicão foi considerado uma liderança expressiva na luta pelas garantias dos direitos indígenas do Nordeste e em todo o Brasil, tendo recebido ameaças e escapado de emboscadas, promovidas por fazendeiros contrários à demarcação de terras, por cerca de dez anos.

ANISTIA INTERNACIONAL O drama dos xucurus ilustra situações reais vividas por grande parte dos povos indígenas do país. Como o pai, o atual cacique Marcos Xucuru também vem sofrendo ameaças de morte por sua luta pela terra. Em decorrência do não-cumprimento da disposição da Organização dos Estados Americanos (OEA) por parte do Brasil, a organização de defesa dos direitos humanos Anistia Internacional convidou Marcos para apresentar a história do seu povo a políticos, ONGs, associações religiosas e jornalistas de países como a Bélgica, Espanha, França, Suíça e Holanda, em 2004.

MOVIMENTO SOCIAL INOVADOR Segundo o estudo, "Índios e Parlamentos", realizado pelo Instituto de Estudos Sócio-Econômicos (Inesc), com o apoio da Oxfam e da Fundação Heirich Boll, o movimento indígena se encontra entre os principais movimentos sociais da América Latina. Diversos autores vêem nele uma força inovadora semelhante ao papel que a "classe trabalhadora" teve ou tem em relação a possibilidades de mudança social, afirmada por autores de ciências sociais.

Luciene Zanchetta



COLEÇÃO

Divulgação científica em foco

Terra incógnita, série criada pela Casa da Ciência (UFRJ) e pelo Museu da Vida (Fiocruz), do Rio de Janeiro, vem incrementar ainda mais o crescente mercado editorial de divulgação científica. Dos seis livros previstos para a série, quatro volumes já foram publicados: *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*, em 2002; *A divulgação da ciência como literatura*, no ano seguinte; e outros dois foram lançados durante o 4º Congresso Mundial de Centros de Ciência, em abril último.

A idéia é alimentar uma reflexão sobre o significado atual da divulgação científica, explorando novos temas, enfoques, dilemas e impactos. Luisa Massarani, jornalista e autora do terceiro volume – *O pequeno cientista amador* –



reuniu oito artigos cujo foco é a criança e a inserção da ciência em seu universo cotidiano.

No primeiro livro, o assunto foi a experiência prática e teórica de vários atores da divulgação científica brasileira, por meio de artigos, entrevistas e depoimentos. Em seguida, tratou-se da relação entre textos de divulgação científica e de literatura, a partir de livros clássicos de divulgação. No recente lançamento, Luisa buscou apresentar alguns desafios e estratégias, sinalizando a necessidade de estimular a curiosidade e a educação infantil, por meio da observação, experimentação e questionamento contínuos. Dessa forma, seria possível superar as defasagens do atual material de divulgação científica existente para esse público, que não permite a participação das crianças no processo de aprendizado, é de baixa qualidade e inadequado.

Já o quarto livro, que leva o mesmo nome da série – *Terra incógnita* –, reúne treze artigos oriundos de vários países, e aborda a interface entre ciência e público. A publicação, organizada por Luísa Massarani, Jon Turney e Ildeu de Castro Moreira, conta com alguns dos principais autores da área de divulgação científica. Os temas abordados vão de questões conceituais acerca da cultura científica até a forma como a mídia explora os riscos e incertezas da ciência.

Marta Kanashiro



Sabrina Righetti

Superando as expectativas, os adultos também se interessaram pelos jogos

MUSEU DE CIÊNCIAS

NanoAventura: conceitos complexos de maneira divertida

O lugar é amplo, lembra uma tenda de circo, com luzes coloridas, jogos eletrônicos, vídeo tridimensional, atores e um rap como música de fundo. O espaço está dedicado a passar, de forma lúdica e divertida, conceitos sobre nanociência e nanotecnologia – áreas que trabalham com aquilo que está em escala nanométrica (não visível a olho nu). Trata-se da NanoAventura, primeira atividade do Museu Exploratório de Ciências de Campinas (SP), concebida por pesquisadores da

Unicamp e do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS). A inauguração da NanoAventura com o público foi no Rio de Janeiro, durante a “Expo-Interativa Ciência para Todos”, onde, em meio a quase 30 outras tendas, provocou grande interesse em adultos, embora a faixa etária focada esteja entre 9 e 13 anos. “A experiência na NanoAventura fornece elementos aos participantes para discutir a importância desse campo científico-tecnológico na sociedade,” diz Marcelo Knobel, coordenador do museu. O trajeto completo na tenda dura pouco mais de uma hora. Ao entrarem, os visitantes são recebidos por um ator que encena um cientista e os convida a